



Lucas Seixas | LabFoto

Com talento, mas sem espaço

TECNOLOGIA • PÁGINA 03

Estudantes da UFBA criam App que ajuda a prevenir assaltos

COTIDIANO • PÁGINA 12

Falta de preparação para a Copa preocupa pesquisadores

SERVIÇO • PÁGINA 15

Entenda melhor como funciona o PIBIC

PARA NÃO SE PERDER...

TECNOLOGIA
PÁG. 03

MEIO AMBIENTE
PÁG. 04 E 05

CULTURA
PÁG. 06

COMPORTAMENTO
PÁG. 07

ESPORTE
PÁG. 08 E 09

MEIO AMBIENTE
PÁG. 10

MERCADO
PÁG. 11

COTIDIANO
PÁG. 12 E 13

FORMAÇÃO
PÁG. 14

SERVIÇO
PÁG. 15

PERFIL
PÁG. 16

EDITORIAL



Darlan Caires

Leitor, está pronto para embarcar no Jornal da Facom? Nadja Vladi, jornalista e docente, é a comandante do navio a navegar pelo oceano UFBA. A tripulação, seus alunos da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso 2013.1, produziu a primeira edição do semestre de acordo com as ferramentas aprendidas em sala.

O passeio é dividido por ilhas e quem escolhe qual visitar primeiro é você. Numa primeira, você descobrirá que os estudantes da UFBA estão cada vez mais inseridos no mundo empreendedor. A segunda parada une dinamismo e seriedade. Em tempo de eventos esportivos no Brasil, o JF traz as consequências desses investimentos - ou da falta deles - para a sociedade acadêmica e civil. Próxima a essa ilha está a da sustentabilidade: coleta seletiva implantada na UFBA no início de 2013 e a polêmica construção do memorial da universidade, que implica no fim do SAF. A maré do pioneirismo leva às águas das empresas juniores que, por sua vez, têm preparado cada vez mais estudantes para o mercado de trabalho.

Nossa viagem termina com a expansão marítima a mares ainda não desbravados. Um ping-pong esclarecedor sobre o Pibic e um olhar diferente sobre o Restaurante Universitário do campus de Ondina te farão ansear pelo próximo passeio. Que assobrem o apito e suspendam a âncora.

JORNAL DA FACOM

Julho 2013

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador - Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso (Semestre 2013.1) - Primeira edição, ano 2013

Reitora: Dora Leal Rosa

Diretor da Facom: Giovandro Ferreira

Coordenação Editorial: Nadja Vladi

Edição: Carol Lemos, Estela Marques e Maria Dominguez

Edição de fotografia: Virgínia Andrade

Projeto Gráfico: Amanda Carrilho e Gabriel Cayres / Eufba

Diagramação: Adelmo Queiroz / Eufba

Revisão: Carol Lemos, Estela Marques e Maria Dominguez

Chefe de reportagem: Alexandre Galvão

Repórteres (turma 2012.2):

Alan Tiago, Alexandre Galvão, Aymée Francine, Carlos

Brandão, Heitor Montes, Carolina Filgueiras, Carol Lemos, Cássio Santana, Darlan Caires, Diego Barreto, Diego Yu, Douglas Neves, Estela Marques, Guilherme Reis, Luana Amaral, Lucas Gama, Luire Campelo, Maria Dominguez, Maria Virgínia Santos, Naiana Ribeiro, Raul de Castro, Rebeca Menezes, Renata Freire, Renata Pizane, Thaís Santos, Vander Luis, Virgínia Andrade, Vitor Gabriel, Wilka Brasil.

Contato: facebook.com/jornaldafacom

Tiragem: 500 exemplares

Distribuição Gratuita

Estudantes de Ciências da Computação criam aplicativo “Onde fui Roubado”

A ferramenta ajudará a população a reconhecer lugares onde têm mais assaltos

Lucas Gama
Thaís Santos
Wilka Brasil

“Todo programador quer ser o novo Mark Zuckerberg”, diz Marcio Vicente, 22, um dos criadores do aplicativo “Onde fui Roubado”. O aplicativo projetado pelo empreendedor e seu amigo Fillipe Norton, 22, ambos estudantes do curso de Ciências da Computação da Universidade Federal da Bahia, exibirá um banco de dados sobre os locais com mais ocorrências de roubos e assaltos no território brasileiro.

A ideia dos estudantes surgiu a partir do problema cotidiano da segurança pública. O objetivo do projeto é ajudar a população através de uma rede social colaborativa e preventiva, mostrando as regiões onde ocorrem os assaltos e como acontecem. “Esse tipo de iniciativa se chama *crowdsourcing* e tem como casos de sucesso o Wikipédia, Waze (aplicativo mobile), Catarse”, explica Vicente.

O aplicativo abrange todas as cidades mapeadas pelo Google Maps, incluindo municípios do interior dos estados. A ferramenta gratuita poderá ser usada também na plataforma online. “Nunca cogitamos monetizar a venda dessa ferramenta para a população. Nossa ideia é criar algo que viralize de uma forma positiva”.

De acordo com Norton, apesar de ainda não estar funcionando, o site do Onde fui Roubado já teve acessos de outras regiões, como a cidade de São Paulo. O estudante acredita que o projeto trará vários benefícios para a população. “Inclusive para a copa, a gente acredita que deve ser uma boa aplicação”.

Como funciona

O programa fará uma coleta de dados (local, data, horário, objetos roubados, gênero da vítima, etc) que servirá de estatística para alertar os cidadãos sobre os perigos de determinadas zonas. O aplicativo está sendo desenvolvido para computadores e tem prevista uma versão para aparelhos móveis com as plataformas Android e iOS.

Para facilitar, os estudantes querem mapear a cidade a partir de níveis de violência e dar dicas de



Fillipe Norton (à esq.) e Marcio Vicente (à dir.) criadores do aplicativo “Onde fui Roubado”

segurança ao usuário. Pretendem ainda oferecer um espaço para inserir o valor estimado, em dinheiro, do prejuízo que tiveram. Em seguida, esses números serão adicionados a uma quantia total daquela região, para que a população estime o quanto está sendo furtado - de forma anônima e segura.

Empreendedorismo na UFBA

Os universitários começaram a ter contato com o empreendedorismo ao participar da Empresa Júnior de Informática, InfoJr UFBA. O amadurecimento do projeto ocorreu após uma pesquisa com pessoas próximas sobre a utilidade da ideia. Hoje, o aplicativo está em fase de lançamento. “A gente está no período final, de testes, gás total, dormindo cinco horas por dia pra tentar entregar isso logo”, diz Fillipe Norton. A entrega do projeto para o público está prevista para o final do mês de junho.

A UFBA não tem nenhum vínculo direto com o projeto, mas os estudantes acreditam que a idealização do aplicativo pode incentivar novos empreendedores dentro da instituição. “Esperamos sim

ter reconhecimento com essa iniciativa e queremos tentar incentivar outros estudantes a criarem aplicativos, soluções e projetos análogos. Mostrar que qualquer um, inclusive estudantes, pode criar algo relativamente revolucionário”.

Os programadores se dizem impressionados com a repercussão que o projeto está tomando. Faltando menos de duas semanas para o lançamento, a página do Onde fui Roubado, no Facebook, já ultrapassa 500 curtidas. Sem perder a piada, eles brincam que já foram sugeridos a criar uma versão “Onde NÃO fui roubado”, exclusivo para Salvador, devido ao grande número de assaltos na capital baiana.

Márcio e Fillipe têm pretensão de abrir as portas do projeto para o apoio de outros integrantes, já que muitas pessoas ofereceram ajuda na programação do sistema, no marketing e na divulgação.

O site Onde fui Roubado está disponível em: www.ondefuiroubado.com.br

Ambientalistas se opõem à construção de museu na Ufba

Novo espaço que abrigará memorial da universidade será construído entre o Instituto de Biologia e a Biblioteca Central

Alan Tiago
Raul Castro
Cássio Santana

O projeto para construção de um novo museu da Universidade Federal da Bahia (Ufba) no campus de Ondina, em Salvador, é alvo de protesto por parte de alguns estudantes da instituição. A reprovação, sobretudo dos ambientalistas, deve-se ao fato da obra estar prevista para ser erguida entre o Instituto de Biologia e Biblioteca Central. A área é utilizada pelos alunos para realização de atividades práticas de agroecologia, além de desenvolvimento de projetos pedagógicos, pesquisas acadêmicas e atividades culturais.

O ambientalista e estudante da Ufba Vitor Matheus Oliveira, 22, afirmou que o projeto para construção do museu havia sido recusado no ano passado porque a área escolhida para a obra não era considerada edificável pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Físico e Ambiental da Instituição. “No entanto, o projeto foi enviado este ano da mesma forma, sem alterar a localização e, ainda assim, foi aprovado pelo Conselho Universitário,

numa total falta de respeito com as decisões estabelecidas democraticamente na universidade”.

A assessoria de comunicação da instituição informou que o espaço sempre foi previsto como área para construção e, segundo a instituição, o projeto do museu ainda está em fase de planejamento. Apesar de não informar a data estimada para o início das obras, a Ufba adiantou que parte do espaço servirá como memorial da universidade.

Conforme a diretora do Instituto de Biologia da Ufba, Sueli Almuina Holmer Silva, o projeto para construção do museu foi aprovado na congregação da unidade e em reunião do Conselho Universitário, órgão colegiado legislador de maior poder dentro da Universidade. A reitora Dora Leal também esteve presente.

O projeto foi aprovado com ampla maioria dos votos do Conselho sob o argumento de que o espaço é uma área pequena, sem características de ambiente ecológico ou de área verde de preservação ambiental. Questionada sobre sua posição em



relação à construção do museu no campus de Ondina, a diretora do Instituto de Biologia foi categórica. “Acompanho a decisão da minha unidade [que aprovou a obra]”.

A reprovação, sobretudo dos ambientalistas, deve-se ao fato da obra estar prevista para ser erguida no espaço em que atualmente localiza-se o Sistema Agroflorestal (SAF).

SAF

A área, com cerca de 1.400 m², entre a Biblioteca Central da Ufba e o Instituto de Biologia e foi transformada em espaço para a prática de atividades de agroecologia e passou a ser chamada de SAF. A ideia surgiu a partir da iniciativa de estudantes de Biologia integrantes da Associação Socioambientalista Organismo. Conforme consta no



Thamires Tavares | LabFoto

A área no Campus de Ondina é utilizada pelos alunos para realização de atividades práticas de agroecologia

projeto para criação do SAF da Ufba, apresentado pela Associação à direção da instituição, a área caracterizava-se por ter um solo pobre dominado por capim e não desempenhava nenhum papel ecológico, educativo ou social antes do início das atividades.

Desde a ocupação do espaço pelo grupo Organismo, em 2003, são realizadas aulas de campo e estudos em mutirões que reúnem estudantes para a prática de atividades como plantio, adubagem, capina e poda. O objetivo, segundo o projeto do grupo, “é dar uma função ecológica e social oferecendo uma nova perspectiva ao uso e ocupação deste espaço”.

Para o estudante Vitor Matheus Oliveira, o argumento da universidade para a construção do museu foi superficial. “Foi uma justificativa técnica de que a área não é reconhecida como um SAF de fato. No entanto, isso é um argumento muito raso, já que o nome SAF passou a ser utilizado de forma identitária pelos estudantes que reconhecem os li-

mites de construir um espaço na universidade visto como clandestino e mantido sem apoio nenhum”. De acordo com o ambientalista, também ficou definido, por meio de um Termo de Compromisso Ambiental, no projeto do museu, um compromisso de construir outro SAF em uma área “adequada” na Universidade. “No entanto, como vimos nesse processo, o Plano Diretor pode ser alterado a qualquer momento a partir das demandas de obras da universidade”, diz Vitor Matheus Oliveira.

Divergências

O novo museu será o quinto vinculado à Universidade, que já conta com o de Arqueologia e Etnologia (MAE), o Afro-Brasileiro (Mafro). Ambos estão localizados na antiga Faculdade de Medicina, no Pelourinho, além do Museu de Arte Sacra (MAS), no Centro da cidade, e o de Zoologia, no Instituto de Biologia.

Alunos de outros departamentos da Ufba têm opiniões divergentes com relação à construção do

museu. O estudante Leonardo Monteiro, 22, que cursa Engenharia Elétrica, é contrário à obra. “O SAF é usado como área para realização de estudos e também serve como espaço para interatividade dos alunos. Além disso, a universidade não disponibiliza verba para que os alunos possam fazer estudos de campo, o que pode ser feito no local”.

Quem também não gostou da proposta foi o estudante de Psicologia Gabriel Santos, 25. “Acho que esse museu poderia ser construído em outro lugar, onde não gerasse tanta discussão e tivesse tanto embate com os alunos”.

Já a aluna do curso de direito Larissa Oliveira, 20, apoia a construção do museu, que, segundo ela, será importante para os estudantes. “Será um espaço a mais para aprendizado dentro da universidade, que poderá ser utilizado para desenvolvimento de pesquisa e aprofundamento de estudos”.

Devoção a Santo Antônio é tema de Mestrado de professor da Escola de Belas Artes da Ufba

Durante 13 dias, a Galeria Cañizares foi transformada em uma residência para prestigiar o Santo Casamenteiro

Luana Amaral
Douglas Neves

Em 1994, após participar de uma trezena dedicada a Santo Antônio na casa da professora de música Sálua Chequer, o artista plástico e professor da Escola de Belas Artes da Ufba Luiz Mario se encantou com a festa. Dessa visita surgiu a ideia de desenvolver um projeto para concorrer ao prêmio Copene de Cultura e Arte. Apesar de não ter ganhado a premiação, em 1997, o artista decidiu montar a primeira edição da exposição na Galeria Cañizares, que recebeu cerca de três mil pessoas.

Este ano, em sua 16 edição realizada na mesma galeria de estreia, o evento já conhecido do público contou com uma nova decoração. O cenário recriou uma tradicional residência baiana e ajudou a compor a exposição “Memórias da Casa da Vovó”, integrante do projeto de arte “Antônio! Tempo, Amor & Tradição” que a cada ano ganha um subtema e é realizada em um local diferente. Salas, quarto e

cozinha, obras de arte e licor de jenipapo: a ideia era dar ao lugar uma áurea residencial. Em 2010, o projeto tomou a galeria para si e permaneceu lá por 17 dias. “Trouxe roupas, entre outras coisas, e no dia da inauguração, em vez de entregar as chaves para trancarem a galeria, avisei que dormiria aqui”, explicou Luiz Mario.

“Antônio! Tempo, Amor & Tradição” foi criado no âmbito acadêmico com o objetivo de preservar as trezenas a Santo Antônio que acontecem há cerca de 300 anos e entraram em declínio. O término do ciclo açucareiro e a perda de poder dos senhores de engenho, as migrações para a cidade, a valorização de grandes festas populares e o afastamento gradativo dos trabalhos domésticos por parte das mulheres foram alguns dos fatores que influenciaram na decadência dessa tradição. Para resgatá-la, as exposições surgiram como resultado de um

trabalho de pesquisas que se tornou tema do mestrado do professor na Escuela de Bellas Artes de San Carlos – Universidade Politécnica de Valencia, Espanha. Desde 2009, Luiz Mario pesquisa sobre o mesmo tema para sua tese de doutorado.

Santo de casa

Para mobiliar a galeria, o artista utilizou o Facebook para solicitar entre pessoas que já conheciam o projeto - alunos e professores EBA - o empréstimo de móveis antigos que remetessem as suas histórias e lembranças de suas famílias.

“A cada noite um desses móveis doados se transforma em altar durante o momento de oração da trezena. Pra Santo Antônio vale tudo”, explica Luiz Mario.

Maria Hercília Valadares, natural de Santo Amaro, emprestou uma penteadeira para exposição. Ela atribui sua devoção ao santo à tradição de sua família e à forte religiosidade presente na cidade natal. “Sou devota de Santo Antônio, mas não posso atestar que a fama de casamenteiro tenha me levado a alcançar alguma graça, até porque ele só arranja o marido, quem escolhe é São José.”

Apesar do santo ser português, a festa é genuinamente baiana e, segundo o professor, nasceu no recôncavo da Bahia. Para ele, o diferencial desse resgate das tradições é a participação ativa do público. “No carnaval e no São João, por exemplo, o público é mero espectador. Na festa de Santo Antônio, que nasceu dentro de casa, não. Nenhum político, nenhuma emissora de televisão, nenhuma cervejaria ou cantor de axé levou a festa para praça pública”.

O perfil dos visitantes é predominantemente formado por pessoas mais velhas, acompanhadas dos netos ou filhos, e que buscam resgatar um pouco das suas memórias de infância, assim como passá-las adiante.



Carla Gaião | LabFoto

Luiz Mario, artista plástico e professor-idealizador da exposição

Grupo História da Alegria Atual retoma as atividades no segundo semestre

Alunos de medicina promovem ação voltada para adultos internados no Hospital das Clínicas

**Naiana Ribeiro
Estela Marques**

O ambiente hospitalar tradicional não transmite qualquer preocupação com o estado psicológico do paciente. Na maioria das vezes, o enfermo precisa lidar sozinho com as consequências emocionais da sua doença, prejudiciais ao seu tratamento. O Grupo História da Alegria Atual (HAA) chegou para mudar isso.

Formado por estudantes de Medicina da UFBA, o retorno às atividades no semestre 2013.1 aconteceu no final de junho com uma peça baseada na literatura de cordel, destinada aos pacientes adultos do Hospital das Clínicas.

Em 2012 os futuros médicos realizaram ações para crianças e idosos. Com o apoio de Fábio Marcelo, professor de teatro que auxiliou o grupo com técnicas de improvisação, foi realizado um musical na enfermaria e no setor pediátrico do Hospital das Clínicas. A Instituição de Caridade Lar Irmã Maria Luiza, responsável por cuidar de idosos deficientes, também recebeu a visita dos estudantes. Junto com colegas de faculdade não pertencentes ao grupo, os organizadores da ação se incluíram na rotina dos idosos, jogando dominó e tocando canções do seu tempo, por exemplo.

As dificuldades encontradas pelo grupo foram muitas. Inicialmente, o hospital não liberou as ações dos estudantes. Após terem realizado de forma independente o que haviam planejado, por conhecerem a rotina da instituição, o hospital se tornou parceiro do grupo. O reconhecimento foi tanto que o diretor do Hospital das Clínicas, Hugo da Cos-

Integrantes do HAA da esq. para a dir.: Rayza, Liz e Yanne (atrás); Victor, Jamile e Pedro (na frente)



Cislene Ramos | LabFoto

ta Ribeiro Jr., foi pessoalmente à sala de encontro do grupo parabenizá-los pela iniciativa., segundo conta Victor Porfírio, 23, um dos fundadores do HAA.

Apesar do apoio e reconhecimento por parte do hospital, o grupo não tem vínculo institucional com a faculdade. Porfírio não encara isso como um problema: “De certa forma isso é bom, visto que faz parte do grupo quem quer e tem vontade. As horas de extensão seriam um atrativo para pessoas que inicialmente não querem o grupo”.

O HAA

O grupo tem como principal objetivo utilizar técnicas lúdicas como ferramenta para discutir temas sérios, além de apropriar-se de diversos elementos artísticos para ressignificar o ambiente hospitalar, através de ações. Como uma atividade complementar à grade regular universitária, Porfírio vê na iniciativa a possibilidade de complementar sua formação acadêmica com o lado humano não ensinado em sala de aula. “O curso é muito técnico. Não tenho dúvidas de que quem se forma pela Ufba está preparado pra diagnosticar, examinar, tratar: um excelente profissional. Mas saúde não é só isso, é muito mais. As coisas que envolvem o lado humano o curso não oferece”. Segundo o estudante, o HAA surgiu com este objetivo: enxergar o paciente de outra forma, levando alegria.

Já passaram pelo grupo, desde sua criação, cerca de 40 pessoas. “As portas se abrem”, como dizem os membros, duas vezes por semestre, a cada três meses. Os inícios dos ciclos são divulgados pelas redes sociais do HAA, por onde os estudantes são convidados a participar. Não há processo seletivo pra fazer parte do grupo; o único pré-requisito é a disposição em trabalhar para o próximo. A estudante do 3º semestre e membro do grupo há um ano, Rayza Mota, conta que uma das melhores coisas de fazer parte do grupo é levar alegria para as pessoas: “É gratificante”, comenta.

O HAA surgiu com este objetivo: enxergar o paciente de outra forma, levando alegria.

Apesar de toda proposta de descontração dos pacientes, o HAA também aproveita a oportunidade para tratar de assuntos sérios. Durante a época que o governo federal cogitou colocar uma empresa privada para administrar o Hospital das Clínicas, o grupo fez três vídeos para colocar o assunto em discussão na faculdade. Os três vídeos juntos somam mais de 4000 acessos.

Sem lugar para treinar

Falta de apoio e estrutura física são os maiores problemas do desenvolvimento do esporte dentro da Ufba

Alexandre Galvão
Carolina Filgueiras
Carol Lemos

Em tempos de grandes eventos esportivos no país – como a Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016 – a Universidade Federal da Bahia (Ufba) está na contramão do desenvolvimento quando se trata de esportes. Entretanto, mesmo com a precária estrutura cedida pela universidade e sem um núcleo institucional que organize as competições, as equipes da Ufba são destaque nos cenários estadual e nacional.

A equipe de handebol, por exemplo, tem conquistado bons resultados desde 2011. As seleções masculina e feminina conseguiram, nos Jogos Universitários da Bahia (Juba), 2º e 3º lugar, respectivamente. Em 2012, o time feminino conquistou o 1º lugar no mesmo campeonato, chegando às Olimpíadas Universitárias de 2013 (JUBs). Neste ano, as seleções masculina e feminina competiram novamente no Juba, alcançando o 1º lugar. Já na Copa Cactus de Handebol, em Feira de Santana, o time feminino ficou em 2º lugar e na Copa Bahia, em 3º.

O handebol não é o único esporte a ter desempenho positivo. A seleção masculina de basquete alcançou em 2013 o título do Juba e a classificação para os JUBs, além do vice-campeonato dos Jogos das Universidades Federais do Nordeste. Porém, para Murillo Guerra, 32, organizador e técnico da equipe, o maior êxito do seu time é outro. “Sem dúvidas, a maior conquista da equipe ao longo dos últimos três anos foi conseguir se manter permanentemente em atividade, disputando 51 jogos e 10 campeonatos até o momento”.

No futsal, a equipe masculina também é destaque. Em 2011, a seleção ficou com o 3º lugar no Juba, etapa preparatória para o campeonato nacional. Já nos últimos dois anos, a equipe disputou o mesmo torneio ficando, nas duas oportunidades, apenas atrás da Faculdade de Ciência e Tecnologia (FTC).

Para os estudantes da Ufba, a colocação se justifica, principalmente, pela falta de uma estrutura que atenda as necessidades dos participantes. O acúmulo de funções também é apontado como uma barreira nas práticas dentro da instituição. Em meio às limitações, há um grupo de alunos que se



Gustavo Henking (24) educador físico e treinador das seleções masculina e feminina de handebol

organiza no sentido de fortalecer o espírito desportivo e organiza as equipes, por conta própria.

Danilo Sande, estudante de Engenharia Mecânica, 27, e um grupo de três amigos, organiza o campeonato interno de futsal da universidade desde 2008. Responsável também pela seleção de futsal da Ufba, Sande diz que se sentiu motivado inicialmente pela vontade de reunir os colegas em torno da atividade física e criar um vínculo entre pessoas de diferentes cursos.

Falta de estrutura

Mesmo munidos de boa vontade e paixão pelo esporte, os estudantes enfrentam diversas dificuldades na organização dos eventos. Para eles, falta um departamento específico na Ufba que auxilie a formação administrativa do projeto e a divulgação, além de um espaço físico para treinamento em boas condições de uso. “A maior dificuldade é o fato da universidade não ter um ginásio para a seleção treinar”, afirmou Sande.

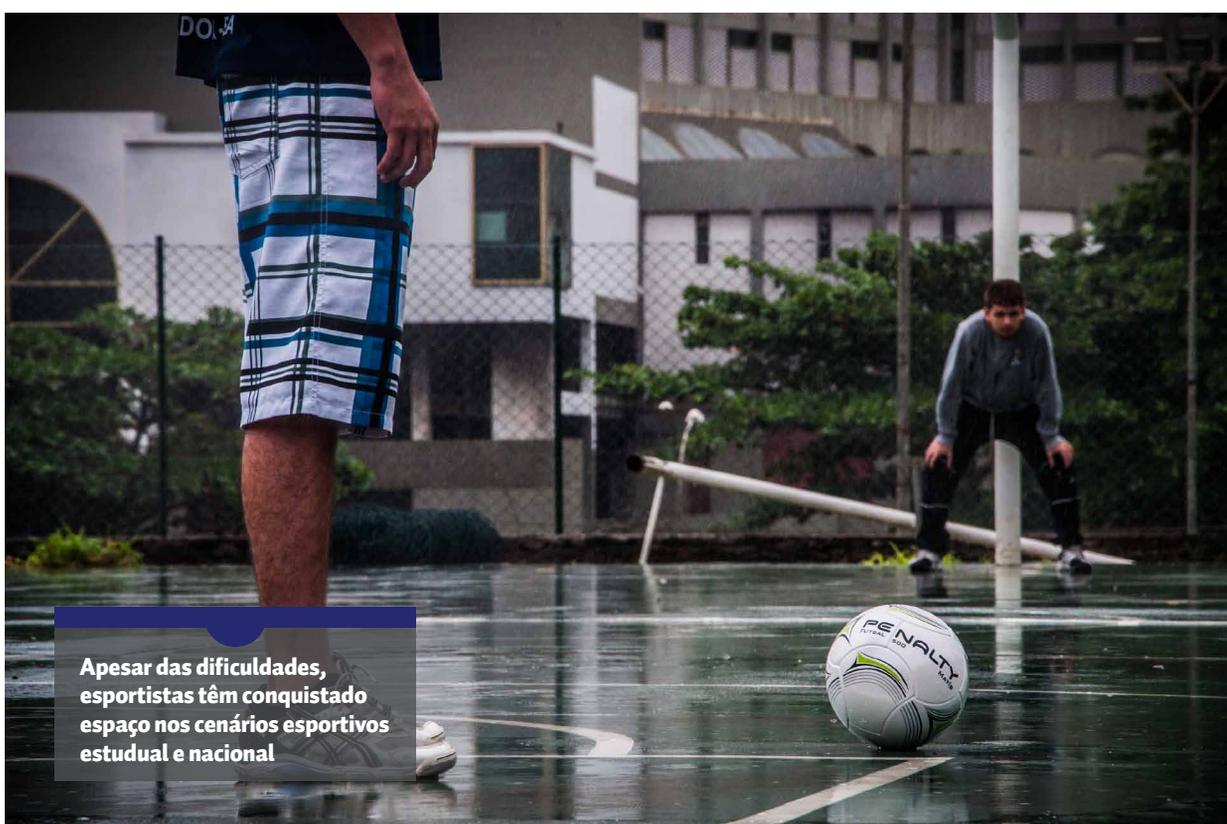
O mesmo problema também é apontado por Gustavo Henking de 24 anos, educador físico graduado pela Ufba e atual treinador-organizador das seleções masculina e feminina de handebol. “A Proae (Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil) tem dado um aporte legal em relação ao apoio monetário, mas a Ufba não tem estrutura física. O que mais dificulta é não ter um lugar para treinar.”

Guerra também julga ser esse o maior problema encontrado dentro da universidade, mas acredita que a Proae tem dado um aporte imprescindível. “O desenvolvimento da equipe de basquete da Ufba só está sendo possível graças ao apoio concedido pela Proae através dos recursos disponibilizados por meio de auxílio para eventos esportivos”.

Para Henking, a principal contribuição dos encontros esportivos é a integração entre alunos de diferentes cursos, o que acaba criando um sentimento de união. “Na minha equipe os estudantes não são todos do mesmo curso, o que ajuda a criar



Ausência de incentivo e instalações precárias dificultam o desenvolvimento do esporte na UFBA



Apesar das dificuldades, esportistas têm conquistado espaço nos cenários esportivos estadual e nacional

Lucas Seixas | LabFoto

PROAE

Com cerca de 41 mil alunos matriculados, a Ufba possui um órgão que tem papel fundamental na consolidação das seleções da Ufba. A Proae (Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil) é responsável por liberar a verba que viabiliza a participação dos times nos eventos esportivos. O primeiro passo é fazer um orçamento detalhado de quanto pretende-se gastar. Aprovada essa estimativa prévia, os organizadores precisam calcular quanto do dinheiro cedido pela pró-reitoria será gasto com contratação de técnico, aluguel dos espaços de treinamento, transporte e materiais - uniforme, bola, camisa de passeio e inscrição no campeonato.

os laços. Acabamos tendo uma troca interessante e criamos uma unidade. Como fruto da interação, a equipe de handebol também se organiza fora da universidade”.

“

Na Federal você tem que pensar em mil outras coisas, principalmente em conciliar os horários. A estrutura da Ufba não tem a visão da necessidade de fomento do esporte

Tauá Lisboa, estudante de educação física

”

Apesar da existência do Centro de Educação Física e Esporte (Cefe), a precariedade das instalações impossibilita o seu uso. O centro não passou por nenhuma obra estrutural desde a sua construção na década de 1970. “Na atualidade, observando as instalações das universidades públicas do Brasil, no que diz respeito à área de educação física, esporte e lazer, podemos constatar que a Ufba apresenta as piores instalações do país”, diz Aracelle Cunha, responsável pela atualização da página de divulgação do centro.

Um dos destaques da seleção de futsal, o estudante de Engenharia de Produção Maurício Lordelo, 21, afirma que as universidades particulares possuem um trabalho de observação de atletas talentosos, como acontece em outros países. “Tudo depende do incentivo dado. A FTC, por exemplo, oferece bolsa-auxílio para o atleta jogar e estudar, formando uma seleção que sempre se destaca”.

“A FTC tem uma pessoa contratada que se responsabiliza pela parte tática e administrativa. E tem também uma estrutura física. Acho que eles, hoje, são superiores principalmente nesse aspecto” justifica Sande. Tauá Lisboa, 23, estudante de educação física, jogador de vôlei que já integrou as seleções do Vitória, da Faculdade Social da Bahia (FSBA) e a seleção baiana de vôlei disse notar uma grande diferença entre sua experiência nesses locais e na Ufba. “Lá você só precisa se preocupar em treinar e jogar bem, seu rendimento é focado nisso. Na Federal você tem que pensar em mil outras coisas, principalmente em conciliar os horários. A estrutura da Ufba não tem a visão da necessidade de fomento do esporte”.

Pouca participação do corpo discente dificulta coleta seletiva na UFBA

Novas unidades são implantadas nos campi, mas a iniciativa necessita da cooperação de toda a comunidade acadêmica



Participe da Coleta Seletiva UFBA

- 1 Separe o lixo orgânico (que não pode ser reciclado) do reciclável: papel, metal, plástico e vidro.
- 2 Deposite conforme a indicação a seguir:
PAPEL PLÁSTICO VIDRO METAL ORGÂNICO
- 3 PRONTO! Você acaba de contribuir para um mundo melhor!

Renata Freire
Vander Batista
Virginia Vieira

Aproximadamente seis toneladas de material reciclado foram recolhidos nos primeiros 20 dias de implantação da coleta seletiva no campus de Ondina. Ainda assim, esse número poderia ser mais expressivo se houvesse maior participação dos alunos. Segundo Joaquim Feitosa, coordenador do projeto de implantação da coleta seletiva na UFBA, é preciso fazer com que os alunos tomem conhecimento dessa ação desenvolvida pela universidade. Dessa maneira, o objetivo é despertar a consciência de que o papel de cada um é importante nesse processo.

A coleta seletiva foi implantada no primeiro semestre de 2013 através da Coordenação de Meio Ambiente em parceria com as unidades da universidade. Na primeira etapa, das quatro previstas, foram instalados nove pontos de coleta no campus de Ondina/Federação e mais oito no campus Canela. O projeto prevê ainda mais três etapas, contemplando assim todos os campi da Universidade Federal da Bahia em atendimento ao Decreto Federal nº 5.940/2006, que instituiu a coleta seletiva para entidades públicas.

Para a próxima etapa estão previstos oito unidades no Campus Ondina e seis unidades no Campus Canela. Uma equipe de nove pessoas envolvi-

das no projeto treina os profissionais da limpeza para o correto recolhimento dos materiais e busca apoio para a divulgação da coleta entre os alunos, professores e servidores da unidade contemplada. “O mais importante é essa ação ambiental, estamos tirando do lixo material que ainda vai ser reaproveitado e não entulhando os lixões com materiais que ainda podem ser usados”, pontuou o coordenador.

Em cada uma das unidades já contempladas com a coleta seletiva estão espalhados coletores coloridos com a indicação do material que ali deve ser depositado. Os coletores foram colocados em áreas de convivência, corredores e em áreas administrativas, para facilitar o descarte dos materiais que são entregues às cooperativas parceiras do projeto. Dessa maneira, papéis, vidros, plásticos e metais quando corretamente separados, além de contribuir para a preservação de matérias-primas que seriam retiradas da natureza, servem como fonte de renda para os cooperados.

A iniciativa da universidade é vista com bons olhos entre alguns alunos como Ramon da Mata, estudante de Produção Cultural, “Acho importante dentro da universidade, nós pensarmos também no ambiente, na ecologia. É uma das funções da

universidade e da educação”. Todavia para alguns alunos ainda é preciso aprender o básico como colocar o lixo no lugar certo. “Tem muita gente colocando no lugar errado: no chão!”, revela Bárbara, funcionária da equipe de limpeza da universidade.

Um planeta melhor

- › 1 tonelada de papel reciclado evita o corte de 15 a 20 árvores, economiza 50% de energia elétrica e 10 mil m³ de água.
- › 1 tonelada de alumínio reciclado evita a extração de 5 toneladas de minério.
- › 100 toneladas de aço reciclado poupam 27 kWh de energia elétrica e 5 árvores usadas como carvão no processamento de minério de ferro.
- › 100 toneladas de plástico reciclado evitam a extração de 1 tonelada de petróleo.
- › 1 tonelada de vidro reciclado evita a extração de 1,3 tonelada de areia.

Empresas juniores ganham espaço e trazem o mercado para UFBA

Com o número de alunos pertencentes a estas instâncias crescendo cada vez mais, o Jornal da Facom foi saber: qual a vantagem de se tornar um empresário júnior?

Aymée Francine

Uma associação civil sem fins lucrativos que realiza serviços com preços abaixo do mercado em uma determinada área, principalmente para micro e pequenas empresas. Esse é o conceito de Empresa Júnior (EJ). Atualmente, na UFBA, cerca de 380 empresários juniores pertencem às EJs filiadas ao Núcleo de Empresas Juniores da UFBA (NEJ). São 15 empresas, federadas ou não, à Federação de Empresas Juniores do Estado da Bahia (UNIJR-BA). Esses dados são resultados da Pesquisa de Demandas e Fortalezas, realizada pelo NEJ, no fim de 2012.

Em uma Empresa Júnior, o universitário se insere em um mundo empresarial. Ao entrar, assume o cargo de *trainee* e recebe capacitações na sua área de estudo e em gestão empresarial. Em algumas EJs, o estudante já pode concorrer a um cargo de direção após um ano.

“É uma oportunidade única para um estudante ocupar posições de liderança. Durante os três anos na ADV Junior (empresa júnior da Faculdade de Direito da UFBA) enfrentei situações que exigiram maturidade para tomar decisões e lidar com questões estratégicas, como negociações com clientes, fornecedores e parceiros de negócios”, diz Carlo Príncipe, ex-diretor-presidente da ADV e atual consultor da Price Waterhouse Coopers.

Os membros das EJs tratam o trabalho como um estágio não remunerado. Muitos consideram uma oportunidade ainda melhor por ter a chance de ser “dono” de uma empresa e encarar desafios que não proporcionados por estágios convencionais. “Uso tudo que aprendi na Otimiza, principalmente na parte de gestão e de relacionamento interpessoal. Na EJ aprendi a lidar com diferentes tipos de pessoas e isso abre a nossa cabeça pra quando entramos no mercado de trabalho”, conta Melissa Guimarães, atual conselheira da Otimiza Jr. Consultoria, EJ do curso de Engenharia de Produção da UFBA.

Diante dos Núcleos e Federações de EJs por todo o Brasil, os membros das empresas juniores desenvolvem habilidades profissionais e pessoais. Assim como Melissa, que estagia na IBM Brasil e foi

selecionada após seu atual chefe ter assistido a uma apresentação sua sobre a Otimiza. “No meu caso, liderei cerca de 30 pessoas na EJ, e eram 30 perfis diferentes. O meu papel era lidar com essas diferenças, e, por isso, hoje eu encaro com menos dificuldade essa questão de relacionamento no trabalho”.

Movimento Empresa Júnior

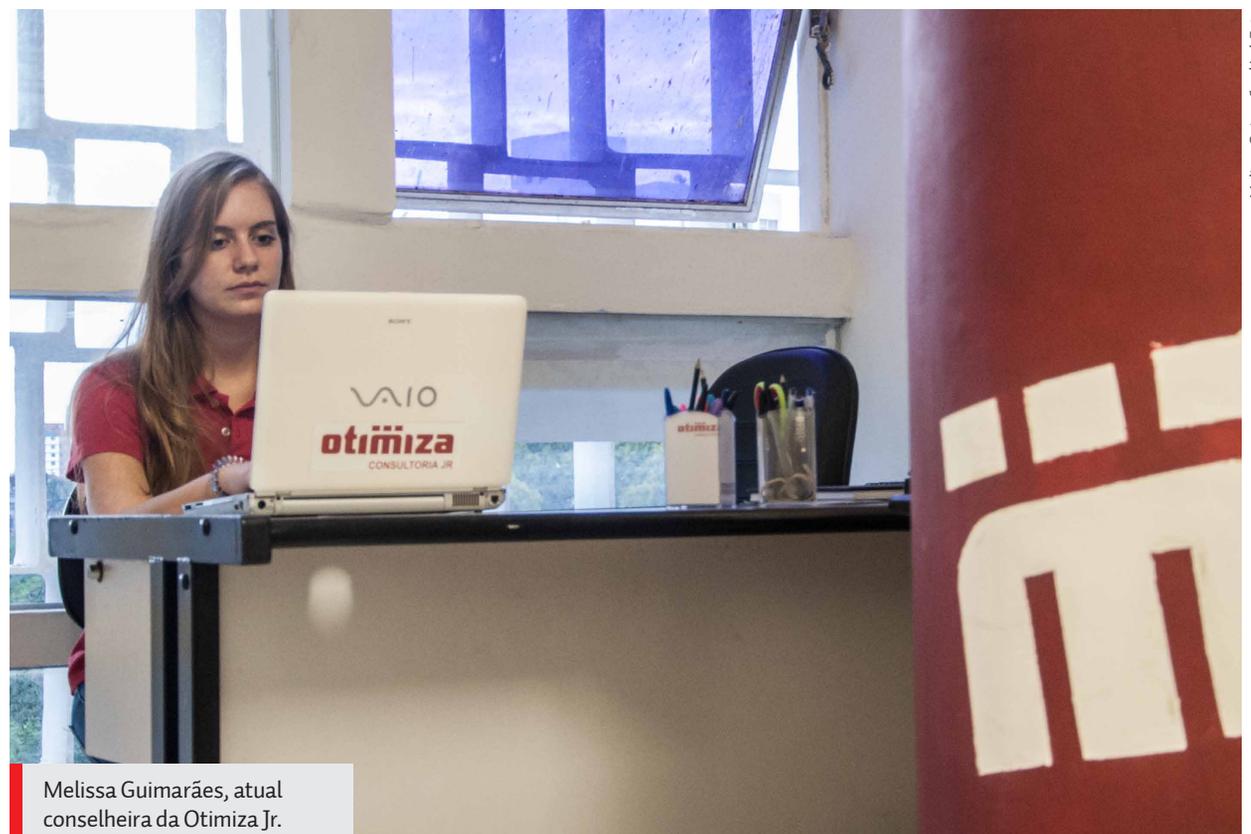
Se na UFBA são cerca de 15 empresas filiadas, no Brasil são quase 200 federadas à Confederação Brasileira de Empresas Juniores, a Brasil Júnior (BJ). Os empresários juniores e as associações que representam formam o Movimento Empresa Júnior, que surgiu na década de 1990, na França.

Um ex-empresário júnior que defende sua origem é Rodrigo Paolilo, dono de uma franquia, em Salvador, do Restaurante Mariposa e presidente da Confederação Nacional de Jovens Empreendedores (CONAJE). “O Movimento Empresa Júnior foi fundamental para minha formação profissional

e cidadã. Adquiri conhecimentos e habilidades em gestão, liderança e empreendedorismo”.

Anualmente, acontecem diversos congressos que reúnem as empresas juniores de todo o Brasil; o principal deles é o Encontro Nacional de Empresas Juniores (ENEJ). Em 2013, o evento acontece em Porto Alegre, de 10 a 14 de julho, e conta com grandes apoiadores, como a Ambev, Gol, Falconi e a IBC.

“Visão sistêmica, atitude empreendedora e técnicas de gestão são diferenciais para os jovens que ingressam no mercado de trabalho, sendo difíceis de serem conquistadas só na universidade. Estes três fatores contribuíram para minha ascensão profissional em empresas, mas principalmente pela decisão de trilhar o caminho do empreendedorismo e ter sucesso”, afirma Paolilo.



Melissa Guimarães, atual conselheira da Otimiza Jr.

Melissa Guimarães | LabFoto

Sete anos e três obras

Grupo de pesquisa da FAUFBA discute o impacto de megaeventos esportivos como as Copas das Confederações e do Mundo em Salvador e no Brasil

Maria Dominguez
Darlan Caires
Luire Campelo

Menos de um ano para a Copa do Mundo e as preocupações com o megaevento são maiores do que a preparação da cidade. Em 2009, quando Salvador foi escolhida como cidade-sede, inúmeras propostas foram lançadas: BRT, finalização das obras do metrô, nova linha na Paralela, reforma do porto e do aeroporto, revitalização e reestruturação de pontos turísticos. Entre todas as propostas, a única efetivamente concluída foi a Arena Fonte Nova. Atentos a essas questões, o Observatório da Copa, grupo de pesquisa da Faculdade de Arquitetura coordenado pelo professor Marco Aurélio desde 2010, discute e analisa os impactos positivos e negativos gerados pelo evento nas cidades brasileiras, principalmente em Salvador.

Em 2010, os 17 segundos de explosão da Fonte Nova não representaram apenas 77 mil toneladas de entulho e concreto no chão da obra de Diógenes Rebouças, arquiteto e professor da FAUFBA. A derubada marcou também o início da reconstrução de um espaço com reflexos para o centro da cidade e seus entornos. Os bolsistas do Observatório da Copa identificaram as perdas da antiga Fonte Nova em suas pesquisas. Com a demolição do estádio, o centro poliesportivo Balbininho, local onde aconteciam diversos torneios e jogos nacionais, não foi mantido. Lá também estava a única piscina olímpica do estado. "No projeto original, disseram que

A magnitude da Arena contrasta com os problemas de infraestrutura do entorno

manteriam a piscina e o Balbininho. Quando vimos o estádio pronto, percebemos que não havia nada lá", disse a bolsista Luana Moura.

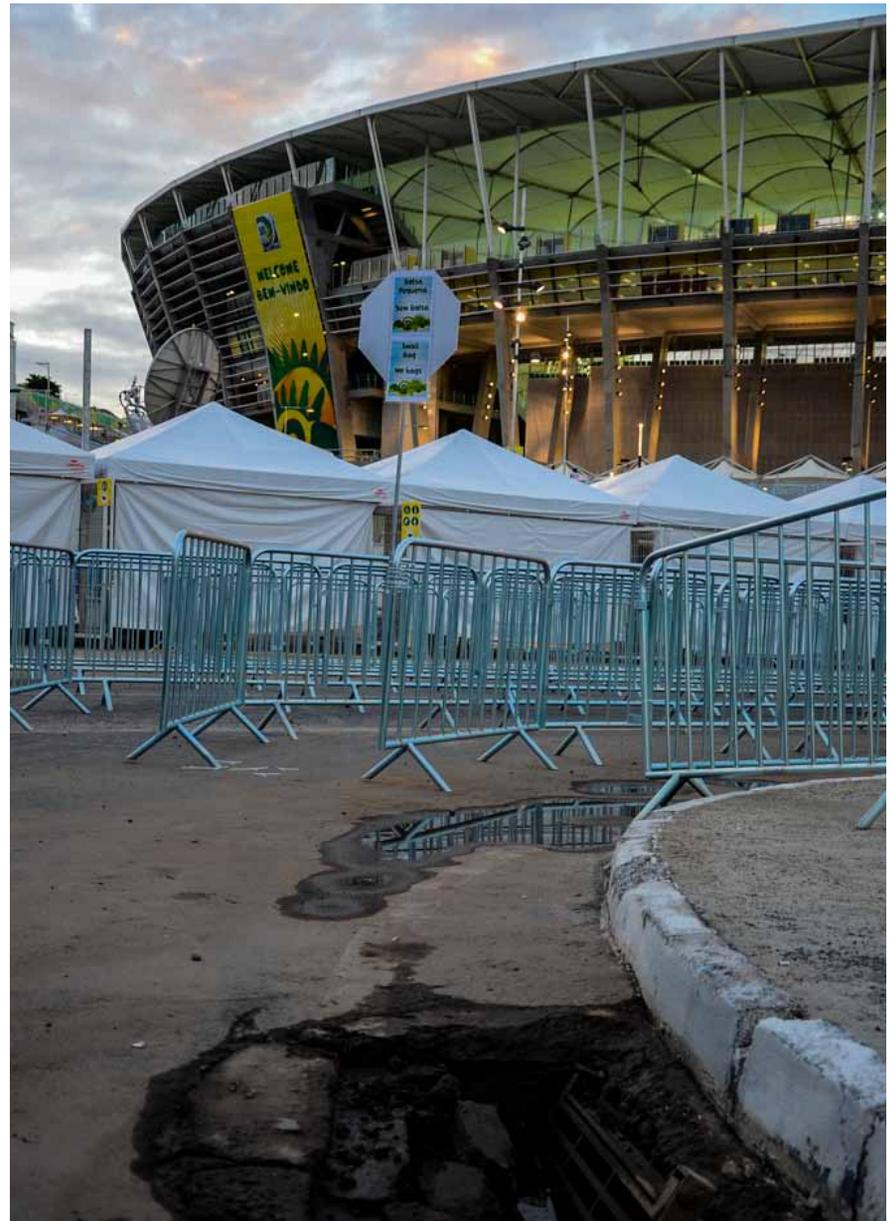
A diretora da FAUFBA, Naia Alban, ainda sublinha o contraste da sofisticação da Arena Fonte Nova com as obras feitas nas redondezas do local. "O estádio é de uma magnitude de uma obra de arte. O contraste com o seu entorno é de uma pobreza arquitetônica impressionante, carece de desenho e sofisticação". Naia e Marco Aurélio afirmam que a FAUFBA levantou a bandeira de não destruir o estádio na época em que as propostas foram lançadas. "É absurdo dinamitar uma estrutura como aquela. Era possível revitalizar e também há um valor simbólico importante para a própria história da Fonte Nova", declarou Naia. Aurélio, por sua vez, afirma que a mobilização em termos de preservação da antiga Fonte Nova foi completamente descartada, sem possibilidade de discussão com a sociedade e embasado numa decisão política.

Uma grande dificuldade para os estudos do Observatório da Copa é a opacidade dos documentos referentes às obras. Dessa maneira, o grupo se

organiza internamente para acompanhar o andamento delas, as decisões políticas das cidades-sede, da Fifa e disponibiliza todas essas informações num portal de notícias. "É uma maneira de colocarmos à disposição da sociedade essas informações que são super importantes. A prioridade vai às notícias referentes a Salvador", declarou Aurélio.

O professor observa que o governo acabou por acatar as decisões da Fifa quando algumas delas são atribuições de Estado. "A Fifa é uma entidade caixa-preta, fechada, envolvida em frequentes escândalos. E, no final das contas, é quem dá as cartas, quem decide questões fundamentais". Ele também critica a Lei da Copa que confere poderes plenos para a Fifa tomar decisões no período do evento, em detrimento às leis vigentes no país.

Para o Observatório, as expectativas referentes a Salvador após a Copa do Mundo não são positivas. A bolsista Luana disse que não existe expectativas de mudanças: "A cidade ganhou a Arena Fonte Nova e vai trazer investimentos, novas articulações, trabalho, renda. Mas é pouco para o que a cidade precisa e para o que a cidade perdeu". Dessa maneira, a diretora da FAUFBA confirma que



Gislene Ramos | LabFoto



Sinalização dificulta tráfego nas principais vias de acesso à Fonte Nova

as recompensas deixadas depois da Copa de 2014 serão, em sua maioria, negativas. “Serão mais legados negativos do que positivos. Se tivessem trabalhando no sentido de criar um espaço público, gerar cidadania, criar coletividade, existiria a possibilidade de que isso acontecesse positivamente. Salvador é a pior cidade do Brasil nesses aspectos”.

“

Se tivessem trabalhando no sentido de criar um espaço público, gerar cidadania, criar coletividade, existiria a possibilidade de que isso acontecesse positivamente. Salvador é a pior cidade do Brasil nesses aspectos

Naia Alban Suarez, diretora da FAUFBA

”

Ativismo

A falta de planejamento com a cidade despertou mobilização entre os moradores de Salvador. Segundo a pesquisa “O Sonho Brasileiro”, 79% dos jovens concordam em ‘utilizar parte do seu tempo para ajudar a sociedade’. Em Salvador, Ticiane Figueiredo (23), Rafaela Palma (23), Naraiana Costa (23) e Fabrício Albuquerque (22) fazem parte dessa parcela pró-ativa na cidade. Eles são os capitães que coordenam e comandam as oficinas realizadas pelo projeto Imagina Na Copa.

O Imagina Na Copa é um projeto de otimismo para o Brasil na Copa de 2014. Além de dar visibilidade a projetos sociais nas 12 cidades-sede da Copa feitas por jovens, também, através destes capitães, promovem oficinas em cada uma dessas cidades. “A responsabilidade é de todos, mas é necessário existir a conscientização coletiva para não apenas esperar”, lembra Albuquerque.

Manifestações

Em meio à insatisfação popular, a Copa das Confederações foi marcada pela onda de protestos que tomaram conta das ruas de inúmeras cidades brasileiras. As manifestações foram inspiradas, em sua maioria, pelo Movimento Passe Livre de São Paulo. Em Salvador, o primeiro ato de protestos aconteceu no dia 17 de junho, reunindo aproximadamente cinco mil pessoas segundo contagem da Polícia Militar. A manifestação foi pacífica e sem confrontos. Um novo ato ocorreu três dias depois, na partida entre Nigéria e Uruguai, na Arena Fonte Nova. Os manifestantes saíram do Campo Grande em direção ao estádio, mas não conseguiram chegar ao destino devido à barreira de proteção feita pela PM no entorno da Arena, pois o perímetro Fifa estava assegurado pela Lei Geral da Copa. O ato foi marcado pela quantidade de manifestantes e por atos de violência. No jogo da seleção brasileira contra a italiana, no sábado seguinte, os manifestantes fizeram uma longa caminhada do Campo Grande até o Iguatemi, local afastado do estádio. Ao fim do percurso houve confronto direto entre policiais e manifestantes, resultando em inúmeras prisões e acusações sobre o uso abusivo da força por policiais.

Bon Appétit

UFBA oferece único bacharelado em gastronomia na Bahia

Carlos Eduardo Brandão

Renata Pizane

Motivados por vocação profissional ou simplesmente hobby, 90 alunos ingressam por ano no curso de gastronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A graduação foi criada em 2009, através do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), sendo a única opção para quem busca um bacharelado no estado, já que a maioria das faculdades oferece cursos tecnológicos (de menor duração, com menor base teórica e mercado limitado). No entanto, a graduação ainda apresenta problemas estruturais que dificultam a realização de disciplinas básicas.

Com uma grade curricular voltada para prática e com duração mínima de quatro anos, a graduação é oferecida no período noturno na Escola de Nutrição, em outras unidades da UFBA, e em salas do Instituto Federal da Bahia (IFBA), no campus do Canela. De acordo com Walison Rogério, coordenador do curso, o perfil dos alunos está mudando. A primeira turma era predominantemente composta por pessoas mais velhas, formadas em outras áreas, mas hoje já é possível encontrar jovens de 17 e 18 anos usando dólman - vestimenta essencial do estudante de Gastronomia.

Este é o caso de Jackson Couto, 18, que deixou a cidade de Ipiáú, localizada no sul da Bahia, por-

que queria transformar em profissão o gosto por cozinhar. Por ser um curso de bacharelado, o estudante acredita que, independentemente de todas as dificuldades existentes, o esforço vale a pena já que após a conclusão do curso poderá escolher seguir na área de pesquisa acadêmica, gerir empreendimentos ou focar no mercado. Já para Caio Preihs, 40, formado em Direito e Letras, estudar Gastronomia é apenas um hobby, pois acredita que o retorno financeiro seja pouco e venha com o tempo de experiência.

Falta de materiais

A aquisição de materiais para as atividades práticas é hoje a maior dificuldade enfrentada pela graduação. Toda compra é realizada por licitação, assim, nem sempre a qualidade acompanha o preço do fornecedor escolhido ou chega no prazo. Apesar de ter colegiado próprio, todas as solicitações de compra são realizadas através do Departamento de Ciências dos Alimentos, vinculado ao colegiado de Nutrição. A imprevisibilidade da entrega e a qualidade são os pontos mais criticados. "As aulas muitas vezes são programadas de um jeito, mas não conseguimos executar devido à falta de materiais, pois só sabemos no dia da aula se teremos o que pedimos", explica Rogério.

Na ausência de um diretório acadêmico ativo, os estudantes se mobilizam organizando abaixo-assinados para reivindicar mais autonomia na compra dos produtos. Enquanto a Equipe do JF visitava a unidade, a professora Teresa Oliveira, 30, cancelava sua aula prática de hortaliças por falta de ingredientes. Insatisfeitos com a situação, os futuros gastrônomos até tentam comprar os materiais para que as aulas aconteçam, Mas uma decisão do departamento tomada há menos de dois anos, alunos e professores foram proibidos de efetuarem compras de qualquer item com recursos próprios.

Curso: Gastronomia - Bacharelado

Vagas: 90*

Concorrência: 3,83 em 2013

Período: Noturno

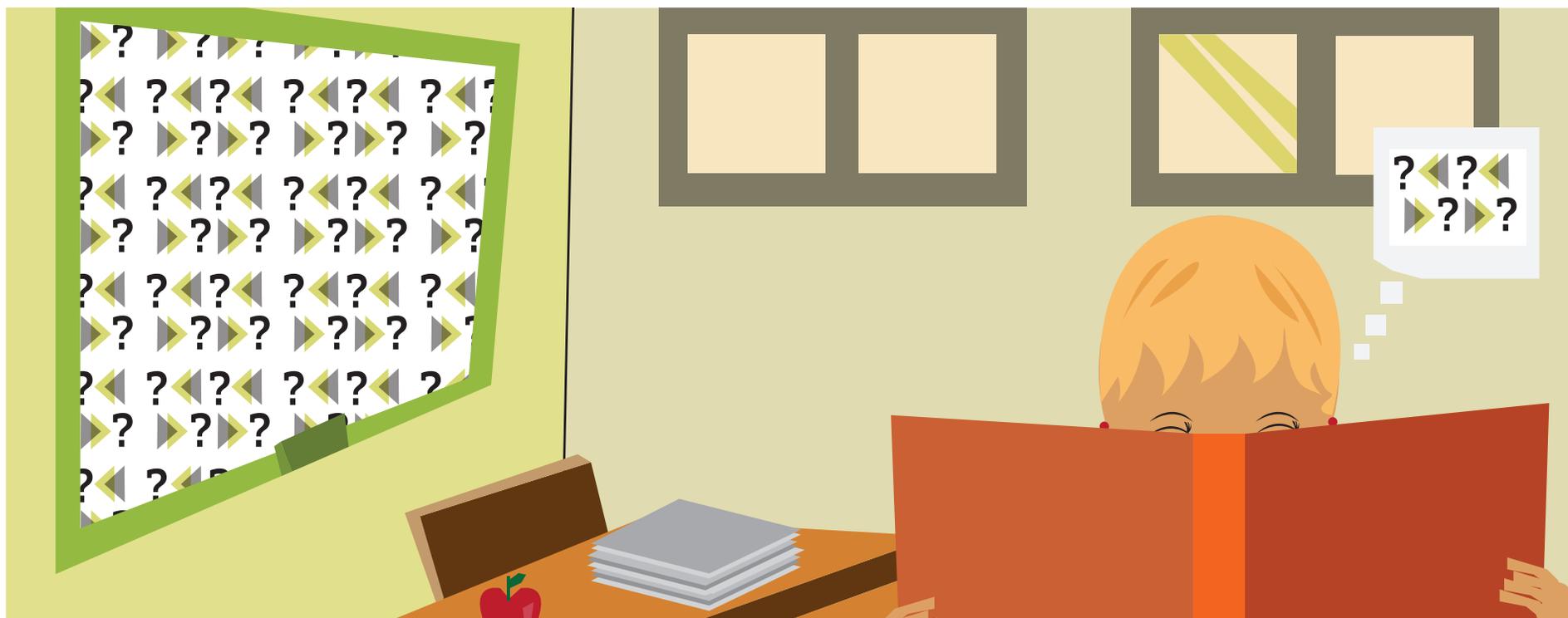
Duração em anos: Mínima 4/ Máxima 5



Estudantes de Gastronomia têm aulas comprometidas devido à falta de materiais

Antenado sobre o PIBIC

Saiba como participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica



Dartian Cairnes

Guilherme Reis
Virgínia Andrade
Vitor Gabriel

O PIBIC é um programa de pesquisa da UFBA bastante conhecido pelos estudantes, embora muitos ainda tenham dúvidas, principalmente os calouros. É com o objetivo de ajudar a você, estudante, que o Jornal da Facom traz as respostas para as perguntas mais frequentes sobre as bolsas de Iniciação Científica.

O que é o PIBIC?

PIBIC é o um programa de bolsas de Iniciação Científica. Financiado pelo CNPq ou pela Universidade, voltado para os estudantes de graduação e abrange todas as áreas de conhecimento.

Quem pode participar?

Qualquer aluno regularmente matriculado em curso de graduação da UFBA. No caso dos formandos, este vínculo institucional será considerado concluído no encerramento do semestre letivo, não na colação de grau.

Como se inscrever?

O aluno interessado em participar do PIBIC deve procurar um professor que tenha um projeto de pesquisa na sua área de interesse e comunicar o seu desejo em participar. O docente fará o processo seletivo de acordo com as competências do estudante.

E depois da seleção?

Caso seja selecionado pelo professor, o aluno cria, junto com o ele, o subprojeto a ser desenvolvido ao longo do Programa. Pronto, o subprojeto pode ser submetido à seleção no período de inscrições do Edital PIBIC do ano vigente.

O aluno recebe bolsa?

Depende da modalidade que o aluno selecionado participa. Se for bolsista, o aluno receberá uma bolsa mensal no valor de R\$400,00 durante um ano - período de vigência dos editais do PIBIC. O aluno que for voluntário não receberá bolsa, mas terá os mesmos direitos e deveres do bolsista.

Quais os pré-requisitos para ser bolsista?

Além de estar regularmente matriculado, é necessário que o aluno apresente score igual ou superior a 7,0; receba apenas uma modalidade de bolsa e participe, com aprovação, de cursos de capaci-

tação em língua inglesa oferecidos gratuitamente pela UFBA.

Há restrições quanto à participação no programa?

A Universidade não impõe restrições quanto ao semestre, ao número de renovações para o mesmo bolsista, ao fato de um aluno de graduação já ser graduado por outro curso ou à escolha do bolsista pelo orientador, contanto que o aluno indicado atenda às exigências do programa e se comprometa com as atividades previstas.

Qual a duração do PIBIC?

Os participantes têm um ano para desenvolver sua pesquisa, que se inicia em agosto de um ano e termina em julho do ano seguinte. Se estiver cursando até o penúltimo semestre, o aluno poderá renovar a inscrição e continuar no subprojeto até terminar a graduação.

O aluno é obrigado a permanecer no programa durante o período determinado?

Não necessariamente. Caso haja desistência de algum dos bolsistas, o professor pode cancelar o aluno ou substituí-lo.

E essa fila que não anda?

No Restaurante Universitário filas cada vez maiores obrigam os estudantes a chegar mais cedo para poder fazer a sua refeição



Lucas Seixas | LabFoto

O tempo de espera é tão longo quanto a própria fila do RU

Diego Yu
Carlos Heitor Montes
Rebeca Menezes

“Óbvio que eu não vou pagar 20 reais em uma...”
“... xerox do texto que ele passou hoje?”
“Acho que depois daqui eu vou lá no Canela pra...”
“... filar a aula de uma hora, senão não dá tempo de...”
“E essa fila que não anda?”

8h da manhã. Uma pessoa se aproxima solitária, caminhando devagar. Carrega um livro na mão e uma bolsa em um dos ombros. Aproxima-se do seu destino, olha para os lados e senta na porta de entrada do Restaurante Universitário da Ufba. Abre o livro. A espera vai ser longa. Às 9h, há mais movimento do outro lado do prédio. A equipe responsável chega para limpar tudo e deixar o local pronto para a grande espera: a comida. Enquanto algumas pessoas lavam e varrem, um trio vem fazer companhia ao solitário aluno do lado de fora. Conversam sobre uma aula desinteressante e comentam sobre o cabelo azul da menina que passa.

10h30 chegam as refeições. Bandejeões são retirados de uma van com destino à cozinha. As por-

tas são abertas às 11h quando dezenas de alunos acompanham o quarteto inicial. A primeira da fila se levanta, marca o livro no lugar onde parou de ler, pega o dinheiro e o comprovante de matrícula. Ela terá o primeiro dos 1500 almoços servidos naquele dia no RU, sendo 500 apenas para bolsistas. À noite, serão mais 1100 jantares para a comunidade acadêmica. Isso se repete todos os dias. 11h30 e a fila já está enorme com gente de todos os tipos. Alguns alunos se perguntam se conseguirão chegar a tempo para a aula às 13h. Enquanto aguardam, olham os cartazes colados na porta, esperando que um deles seja o cardápio do dia. É reconfortante saber o que esperar. Outros tentam olhar através das portas de vidro, buscando identificar algo interessante.

Na fila de dentro, a fome aumenta. Alguns saem para lavar as mãos certificando-se de que terão seu lugar original ao voltar. Com sorte, encontram um conhecido na fila para poder esperar

Um problema estrutural

“As filas são uma das maiores reclamações dos estudantes”. Naira Xavier, nutricionista e fiscal de contrato do RU, acredita que o problema seja estrutural: “São 3000 refeições para atender a uma comunidade de quase 50000 pessoas, não tem muito que a gente possa fazer.” A estudante Dóris Dias, do BI de Humanidades, pensa diferente. “É uma perda de tempo absurda que poderia ser muito bem resolvida pela Central de Processamento de Dados, com adoção das carteirinhas recarregáveis.”

menos tempo. Enquanto se aproximam da catraca de acesso à comida, veem uma fila menor logo ao lado: são os bolsistas com preferência para entrar. Logo surgem os comentários. Carlos Neves, de Engenharia de Minas, considera isso injustiça.

Param de falar. Entregam o papel para a funcionária e entram em outra fila. Falta pouco. Um dos alunos demora para escolher qual bandeja vai usar, tentando descobrir se há alguma sujeira na escolhida. Vira a bandeja, montando estrategicamente – ou não – as opções, hesitando se algo que parece bom está realmente tão gostoso. As funcionárias não parecem interessadas, pensa Jonatas Sousa – BI de artes. Em uma prova de equilíbrio, segura a bandeja com uma mão e pega o suco.

A dona do livro já está sentada, comendo rapidamente para não perder o Buzufba. O trio conversa sobre se o professor deu ou não falta para eles. Várias pessoas discutem sobre os temas mais variados. Uma menina reclama da falta de namorado.

Agora é escolher uma cadeira para sentar, comer e enfrentar outra fila para deixar a bandeja e os talheres que os funcionários recolhem. Ao passar pela porta, vê trufas de todos os sabores. Não tem dinheiro para comprá-las. Olha para o relógio: 13h15. Da próxima vez, terá que chegar mais cedo. Será que deve levar um livro?